

CEUB - CENTRO DE ENSINO UNIFICADO DE BRASÍLIA

FAFI - FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DO DF

CURSO: HISTÓRIA

DISCIPLINA: PESQUISA HISTÓRICA

PROFESSORA: ELEONORA ZICARI COSTA DE BRITO

"IVONNE JEAN E A REPRESSÃO DO REGIME AUTORITÁRIO

EM BRASÍLIA - (1962-1971)"

ALUNA:

- CHRISTIANY ISABEL ALVES OLIVEIRA

BRASÍLIA, JUNHO DE 1996

INTRODUÇÃO

Os anos 60 têm se mostrado um campo de investigação riquíssimo para a ciência histórica. A polarização do mundo traz, a partir de dois modelos, os EUA e a URSS, duas possibilidades distintas de projeto político. Na América Latina, cada um, capitalismo e comunismo, se mostrou sedutor seja pelos benefícios que trariam ou seja pelos defeitos do outro projeto. No Brasil, o início dos anos 60 marca a chegada ao poder do projeto nacional-reformista de esquerda com Jango. Sob as reformas propagadas por Jango, uniam-se as esperanças do povo simples, de comunistas ortodoxos, da igreja progressista, de políticos de esquerda, de estudantes etc. Porém, tal projeto cai por terra com o golpe de 1964, patrocinado pelos interesses multinacionais, e leva ao poder todos os grupos reacionários e conservadores da solidariedade e esperança do início da década de 60, nasce a militância na luta contra a ditadura militar.

É nesse mundo cheio de possibilidades e de alternativas políticas que estudaremos alguns momentos da vida de Yvonne Jean. A jornalista, intelectual, escritora, tradutora e intérprete, marchande, professora e militante do PCB, teve imensa participação na vida

política e cultural de Brasília, desde que aqui chegou, a convite pessoal de Darcy Ribeiro, para fundar e lecionar na Universidade de Brasília.

Escolhemos os anos de 1962 e de 1971 como datas limites. 1962 é o ano da chegada de Yvonne Jean à Brasília. 1971 é a data da sua condenação por participação em um partido clandestino, o PCB. Tal periodização possibilita o estudo da década de sessenta na capital brasileira, mas marca também um dos períodos mais intensivos na vida de Yvonne Jean.

O que pretendemos, portanto, não é escrever a biografia dessa notória jornalista, mas investigar sua atuação na vida pública de Brasília. Ao escrever no *Correio Braziliense* sua seção diária, acaba tornando-se extremamente conhecida na cidade. O primeiro capítulo refere-se ao Brasil da década de 60. Mostraremos a intensidade da agitação política e cultural da época e como a atuação pelas mulheres foi fundamental para o sucesso do golpe de 64, e fazer isso saindo da esfera privada da casa e invadindo a esfera pública, no entanto, sem abandonar a função de "dona do lar".

O segundo capítulo tratará da análise de quatro entrevistas feitas pela equipe do Arquivo Público do DF na linha de história oral. São entrevistas com amigos pessoais de Yvonne Jean que muito eluci

dam sobre sua atuação enquanto profissional e enquanto militante. Um dos entrevistados é seu filho João Luiz da Fonseca.

No terceiro capítulo faremos um estudo da produção intelectual de Yvonne Jean através do texto "A Chave". Yvonne Jean escreveu "A Chave" enquanto esteve detida pelos militares em 1964, para interrogatórios. A análise desse livro mostra como sua autora sai do papel de jornalista preocupada com as injustiças sociais ao papel de ativa militante do PCB na luta contra a ditadura.

Por fim, veremos de forma breve a que conclusões este trabalho nos levou, certos de que muitas perguntas ficarão ainda sem respostas porque tal tarefa ultrapassaria os limites de uma modesta pesquisa de graduação.

CAPÍTULO I

UMA IDÉIA DOS ANOS 60.

O Arquivo Público do Distrito Federal guarda o fundo documental de Yvonne Jean. Intelectual, jornalista, escritora, tradutora e intérprete, marchande, professora e militante política do PCB, teve intensa participação na vida política e cultural de Brasília, desde que aqui chegou, a convite de Darcy Ribeiro, para lecionar na Universidade de Brasília, e formar um centro de excelência com grandes intelectuais que vieram para fundar a UnB em 1962.

Críteriosa, sempre guardou tudo o que escrevia, e por tal, esse fundo contém toda a correspondência por ela enviada e recebida. Além da correspondência pessoal de Yvonne Jean, o Arquivo contém artigos de revistas e jornais; agendas, diários, originais de prosa e poesia, traduções, documentos pessoais, registros fotográficos da família e amigos, de objetos de arte, de eventos e viagens, do cangaço e de Brasília.

A pesquisa então, será feita a partir da sua chegada à nova capital em 1962, até a sua morte em 1981. Será dada ênfase maior à

década de sessenta e ao início da década de 70, quando sua atuação na vida política e cultural do DF foi maior, e a repressão do regime militar também, inclusive condenando-a à prisão.

Como suporte ao fundo documental existem quatro entrevistas realizadas pela equipe do Arquivo Público, com pessoas que conviveram de perto com Yvonne Jean, e que fazem um relato de sua trajetória principalmente em Brasília.

Mas enfim, até onde nos levará a biografia desta importante personagem de Brasília? O que se pretende com esta investigação é observar, conhecer e entender a trajetória de uma intelectual e militante do PCB em Brasília no período de 1962 a 1981. É mais do que perceber e contar a sua história, dar vida e voz a ela, confiando que o seu entendimento sobre si mesma e sobre a realidade que a circunda é privilegiado.

Privilegiada por ser uma jornalista e ter acesso a informações que muitos não tiveram à época; por ser intelectual e professora e assim debater com outros intelectuais sobre a cena política nacional; pela sua inserção no meio cultural e convivência com artistas, estes observadores sensíveis da realidade; por ser do PCB e então sofrer "na pele" a opressão do regime militar. É assim, a partir deste olhar privilegiado que se pode obter mais uma visão interessante sobre Brasília e sobre o Brasil neste período: o da gestação do

golpe militar e formação do regime autoritário da época.

O que se pretende então é perceber como Yvonne Jean observa e construía a realidade à sua volta. A sua casa, ponto de encontro de intelectuais, artistas e militantes políticos da cidade, dá dimensão privilegiada a seu olhar sobre Brasília.

Faço ainda a opção de não eleger nenhuma faceta específica e aprofundar na sua investigação, mas busco uma visão global da personagem. Creio que isto permitirá uma visualização de conjunto da pessoa e da época. Tal como a vida, trata-se de um tema polissêmico e multifacetado e pretendo retratar então a vida tal como aparece.

A historiografia tradicional de cunho positivista que reinou absoluta nos livros de História do Brasil, e que ainda hoje produz uma literatura ufanista e heróica, tinha nas biografias método claro e certo para fabricar heróis, mitos, salvadores da Pátria. O método biográfico passou a identificar a prática de historiadores positivistas e por tal, passou a figurar discriminado como método ultrapassado e limitado. As biografias podem, no entanto, ser revistas e utilizadas, porém a partir dos avanços e das conquistas contemporâneas da ciência histórica.

O individualismo, marca registrada dessa década e fim de milênio, nos traz a possibilidade de que o indivíduo possa ser coloca-

do no centro do estudo da História, sem cometermos os erros da literatura positivista e sem cairmos nos "erros" de uma vertente da História Nova que ao eleger novos objetos de estudo, fragmentou a realidade e pulverizou a História em várias especializações. Segundo François Dosse, os "Annales" possuem duas correntes, duas tendências atuais:

"A fissura interna maior que atravessa o discurso dos Annales, após os adeptos de uma História em migalhas, de uma História alinhada a cada um dos procedimentos das ciências sociais e os adeptos de uma História total, enriquecida com a contribuição das ciências sociais mas, preservadora da base histórica e da ambição globalizante". (1)

Desta forma, os historiadores das novas abordagens e dos novos temas "renunciaram a uma História total em nome do risco totalitário", (2) isto é, da impossibilidade de lidar com uma verdade absoluta. Contudo F. Dosse reivindica para a História a dinâmica que a torna específica, a saber: "O seu percurso totalizador". E descarta possibilidades simplistas:

"... A pretensão à globalidade em certos historiadores que decompõem a prática em dois tempos: o primeiro é o da explosão, depois vem o da integração e justaposição dos elementos fragmentados em uma totalidade fictícia. Essa ilusão neopositivista do percurso globalizante esquece um nível essencial, o da análise estrutural, da hipótese causal sem o qual não pode existir História total". (3)

O desafio de reconquistar a dinâmica globalizante no discurso histórico traz no seu interior o resgate de um humanismo sub-

jacente a sua análise:

"O homem retoma a dimensão em que se situa, enquanto que o fracionamento em temporalidades múltiplas e sem inter-relações o despoja da posição central". (4)

Recolocar o homem na posição central do discurso histórico é resgatar toda a complexidade da vida. Buscar um personagem em determinado tempo e lugar, é dar "vida" ao trabalho do historiador. E o que o circunda não está aí somente para que, entendendo-se o contexto histórico possa-se compreender o ator principal. O que se pretende é entender a pessoa como expressão do momento histórico em que se situa. Assim sendo, ao escolher a personagem Yvonne Jean e a sua vida, a partir de sua chegada em Brasília, em 1962, descortina-se um mundo de análises, rico em possibilidades para o entendimento do período na História de Brasília e do Brasil.

E enfim, que mundo é esse que se abre a partir das vivências de Yvonne Jean?

De início é interessante pensar no princípio dos anos sessenta como um dos momentos mais dinâmicos da História do país. Como assinala Heloísa Maria Murgel Starling:

"Os primeiros anos da década de sessenta correspondem ao que talvez tenha sido a mais intensa fermentação ideológica e política da História de um país que então se politizava ou se "conscientizava",

para usarmos a palavra mágica da época. Existia uma vontade ativa de participação entre os diversos setores da sociedade e um sopro generoso de mudanças agitava o país". (5)

Era uma euforia baseada em primeiro lugar na crença do novo e na valorização do nacional. Brasília, a nova capital, simboliza a certeza desses novos tempos e do novo Brasil. Em segundo lugar, esta euforia decorrerá da vontade real de participação para transformação do país, conforme a autora.

Vale lembrar a guerra fria e que EUA e URSS se apresentam como modelos de desenvolvimento para o país. Mais forte ainda, a imagem de Cuba seduzia os corações que sonhavam com mudanças. Era a certeza da possibilidade de transformação, o modelo ideal de um país latino-americano que conseguiu mudar. Por outro lado causava reação em quem postulava outro caminho para a solução dos problemas nacionais.

Foi no seio do populismo que a população urbana crescente começava a deixar de ser massa e se transformar em sociedade organizada. ADELA, ADEP, ALPRO, AMES, BNDE, CAMDE, CIESP, CNTI, são apenas um pouco das inúmeras siglas que representam as várias organizações do período e de como havia grande efervescência política e social.

"A política principiava a deixar de ser privilégio do governo e do parlamento; o país inteiro envolvia-se com política". (6)

A política impregnava-se em todas as áreas - na arte, na es

cola, na cultura. O CPC - Centro Popular de Cultura da UNE fazia uma opção bem clara:

"Em nosso país e em nossa época, fora da arte política não há arte popular". (7)

Para completar o quadro de euforia nacional, com a renúncia de Jânio Quadros, João Goulart mobiliza o país com a campanha da legalidade e, mais tarde, ao fim do parlamentarismo, com as reformas de base. E incrementando o que Arnaldo Jabor chamou de "Doideira conscientizadora", a opção pelo povo é outra característica. Paulo Freire começa a alfabetizar e a politizar seus alunos. O CPC da UNE se vê como vanguarda do povo e assume seu papel de conscientizador.

Acrescente a esse período o anti-imperialismo como nos slogans e cantigas citadas por Heloísa Starling:

"Yankees, go home".

"Esso Shell, Esso Shell, o Brasil pro beleléu". (8)

A luta contra o imperialismo era palavra de ordem das esquerdas na época, e isso parecia ser a "gota d'água" para os interesses dos grupos multinacionais e associados no Brasil. Não interessava ao capital multinacional essa onda esquerdizante num mercado consumidor crescente como o do Brasil. O lobby nacionalista ameaça as ambições do capital externo. Assim, esse capital multinacional patro

cina uma reação a essa esquerdização possibilitada pelo populismo no poder. Como afirma René A. Dreifuss sobre a atuação política desses interesses concretizados e canalizados na articulação IPES/IBAD:

“Logrou êxito, entretanto, através de sua campanha ideológica e política, em esvaziar o apoio homogêneo ao Executivo e foi capaz de estimular uma reação generalizada contra o bloco nacional-reformista. (...) As atividades políticas do complexo IPES/IBAD foram de suma importância na realização da crise do bloco histórico-populista. Elas estimularam uma atmosfera de inquietação política e obtiveram êxito em levar à intervenção das Forças Armadas contra “o caos, a corrupção populista e a ameaça comunista”. O IPES conseguiu coordenar e integrar os vários grupos militantes, conspirando contra o governo, e, de certa forma, proporcionar o exigido raciocínio estratégico para o golpe”. (9)

Em seu trabalho, Dreifuss comprova, com documentação extensa, toda a teia de interesse que patrocinava o IPES - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais. Este por sua vez organizava meio às escuras toda a propaganda anticomunista.

Ao quadro explicativo do golpe de estado de 64 cabe ressaltar exatamente a articulação social e política do IPES contra o bloco nacional-reformista. Os setores sociais foram diversos: movimento estudantil, camponeses e trabalhadores industriais, no campo eleitoral e nas classes médias. Foi nos setores médios que a campanha ideológica atingiu melhores resultados.

Duas manifestações de rua tradicionalmente são simbólicas da época. Por um lado a cena do comício pelas reformas de base reunindo

200 mil pessoas na Praça Central do Brasil no Rio de Janeiro. As faixas e cartazes dão o tom de apoio às mudanças: "Jango defendemos suas reformas à bala"; "Jango pedimos cadeia para os exploradores do povo"; "Jango assine a reforma agrária que nós cuidaremos do resto"; "Tudo de petróleo para a PETROBRÁS"; "Nacionalização para os laboratórios farmacêuticos"; "Gordon Lacaio do Imperialismo"; "Ferroviários saúdam as Forças Armadas e as conclamam para reformas". (10)

A esquerda se assanhava com Jango no poder e com a possibilidade de mudança.

Por outro lado a marcha da família com Deus pela liberdade em oposição a Jango e a seu programa de reformas trazia faixas com dizeres agressivos: "Se necessário defenderemos nossa liberdade à bala"; "Tá chegando a hora de Jango ir embora"; "Um, dois, três, Brizo, la no xadrez"; "Verde-amarelo sem foice e martelo"; "Estudantes autênticos saúdam a UNE desejando-lhe felicidades nas profundezas do inferno". E as mulheres marcaram presença com uma faixa anticomunista: "Vermelho bom, só batom". (11) Assistimos assustados a presença das mulheres, principalmente de classe média na marcha, isto é; na política. As próprias participantes admitem isso:

"Nós tivemos um resultado desconcertante no meio da infiltração comunista, porque eles não esperavam, porque a mulher brasileira é, digamos, politicamente inútil. Não agia, não existia, de repente, surgiu uma força avassaladora. Foi assim, nós tivemos um resulta

do pela surpresa". (12)

Na verdade, as mulheres são um alvo privilegiado da ação ideológica do IPES, que organizou e financiou vários movimentos femininos: A Campanha da Mulher pela Democracia - CAMDE, a União Cívica Feminina - UCF, A Campanha para Educação Cívica - CEC, a Liga de Mulheres Democráticas - LIMDE, entre outras organizações de mesma ordem. (13) É o que também identifica Solange Simões:

"A articulação dos grupos femininos - CAMDE, UCF, LIMDE, ADFG, não resultou, como se fez propagandear, de uma "tomada de consciência" ou da iniciativa espontânea e independente daquelas mulheres, nem mesmo se propunha a promover a mulher brasileira na esfera pública, de modo que ela passasse a atuar com plenos direitos de cidadania. Resumindo, podemos afirmar que aquelas mulheres não se organizaram enquanto cidadãs que reivindicavam seu direito à participação na vida pública e política do país. Foram, antes, incumbidas por homens de uma missão que era a de arregimentar a opinião pública para o golpe militar de 1964". (14)

O que se apresenta de forma estranha é a participação política da mulher, que sempre teve como características a passividade e o espaço doméstico para sua ação.

É esse o retrato exato do papel da mulher na tradição cultural brasileira, o de estar circunscrita ao espaço privado. O espaço público é dominado pelo homem. Se assim é, a presença das mulheres na política desse período, teria marcado uma revolução no papel social da mulher brasileira. Porém isso não aconteceu pois

"Foi a partir de sua condição de seres privados que essas mulheres se apresentaram publicamente. E nem poderia ser de outra forma, dado que a mobilização feminina em 1964 é resultante de um poderoso apoio ideológico (...) calcado na afirmação dos valores tradicionais".

(...) "Foi como mães, noivas, irmãs e filhas que as mulheres foram às ruas, e não enquanto cidadãs. Não negavam sua condição de donas-de-casa, mas afirmavam e estendiam o lar à praça pública, dada a necessidade de defender a família, as tradições, a religião e a Pátria da ameaça iminente representada pelo fantasma do comunismo" (15)

E mais a frente Starling desvenda o núcleo desse discurso:

"Em nome da grande família que era a nação, as mulheres alertavam, reuniam, incentivavam e autorizavam as ações de seus filhos-cidadãos, em um apelo político-emocional que, em última instância, legitimava as atividades políticas desenvolvidas pelo complexo político IPES-IBAD". (16)

A partir do golpe militar inaugura-se um novo período que Nelson W. Sodré divide e caracteriza assim:

"... Pelo menos três fases, a inicial, de 1964 a 1968, quando restaram ainda alguns vestígios de liberdade, no País, apesar da terrível onda de terrorismo desenfreada; a média, de 1968 a 1974, quando se instalou a ditadura fechada e absoluta, terrorista e fascista, com a institucionalização da ditadura; a final, de 1974 aos nossos dias, quando o regime entrou no declínio a que foi dado o título muito discutível de Abertura". (17)

Apesar das posturas controversas do historiador Sodré, o militar Sodré vivenciou na pele e de dentro da instituição do Exército, a gestão do regime autoritário.

As antigas campanhas ideológicas dão agora espaço para a hegemonia política dos valores antes somente propagados. Agora os valores devem se estender por toda a nação de forma obrigatória, totalitária. A perseguição aos "inimigos da democracia e da família brasileira" é intensa sobretudo após o AI-5:

"O AI-5 começou a censurar antes de ser editado e a prender antes de ser anunciado publicamente. (...) Em Brasília, o Correio Braziliense, único jornal então editado, circulou sob censura prévia, sem o noticiário da votação na Câmara. (...) Não é possível calcular o número exato de prisões - até porque o AI-5 não gostava de registros e controle desse tipo - mas se estima que, no período que se seguiu ao 13 de dezembro, algumas centenas de intelectuais, estudantes, artistas, jornalistas, tenham sido recolhidos às celas do DOPS, do PM e aos vários quartéis do Exército, da Marinha e da Aeronáutica em todo o País". (18)

Os inimigos do sistema são aprisionados ou exilados para não influenciar e causar desordem à nação brasileira. O projeto de desenvolvimento econômico é realizado a custa da liberdade tolhida. Apesar do conceito de "autoritarismo instrumental" desenvolvido por alguns cientistas políticos (19) para caracterizar o período, muitos foram perseguidos, muitos morreram, muitos sofreram. E o único crime foi o de desejar liberdade. Ao fim do regime a frase de Delfim Neto já de domínio popular "É preciso fazer crescer o bolo para depois dividi-lo", soa meio estranha.

Podemos perceber desta forma, que a mulher tem posição de destaque no relato deste momento da história brasileira. Não como ser

biológico, mas na sua função social e simbólica, pois "ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificou de feminino". (20)

Como vimos, o aparecimento das mulheres no quadró político brasileiro a partir de 1962 não foi espontâneo e sim arquitetado a partir da articulação IPES/IBAD - empresários, militares, capital internacional, etc. (21) Esta instrumentalização da mulher enquanto símbolo tem uma forma: as mães, esposas, donas de casa. Transferiu-se o papel social da mulher no espaço privado, para o domínio público. Este papel social era também internalizado pelas mulheres que se viam numa posição subalterna natural. (22)

Mas o uso simbólico da mulher tem um conteúdo. A ameaça comunista que atacaria a família, a propriedade e as liberdades individuais foi que trouxe essas mulheres das casas para as ruas. O comunismo foi apresentado pelos orientadores masculinos ipesianos dos movimentos femininos como: "O regime ateu, que abolia as religiões; o Estado totalitário, que separava os filhos dos pais; o regime da violência e do terror, que abolia as liberdades individuais; o regime da tristeza e do tédio, onde ser feliz era proibido". (23) A defesa dos valores tradicionais desse comunismo e de sua suposta tomada do po

der, fizeram das "donas de casa", "mães de família", autênticas e legítimas agentes de combate ao "perigo vermelho".

Num primeiro momento a atuação dessas protetoras era a de, como "mães", alertarem os filhos dos perigos iminentes. Conselho de mãe, a primeira missão era sensibilizar a opinião pública. Num segundo momento elas foram fundamentais para a desestabilização do governo de Jango com suas propostas reformistas, propiciando um clima necessário ao golpe de 64.

Finalmente uma terceira e importante tarefa: após a instauração do regime pelos militares, através da força, "as mulheres são convocadas com o fim de convencer a opinião pública a legitimar o novo governo. (24) E mais que isso, denunciam e cassam seus inimigos: "Aqueles mulheres dão continuidade à sua cruzada anticomunista que, agora, condena e pune indistintamente socialistas, comunistas, populistas, militantes políticos de todos os matizes que em algum momento se engajaram nas campanhas do nacional-reformismo". (25)

Ora, é em meio a esse contexto que Yvonne Jean vive a década de 60 e 70 em Brasília. Em 1962, sua chegada à cidade coincidiu com o início do surgimento dos grupos femininos políticos analisados. Tudo que Yvonne faz tem teor político como era característica da época. Ela é então, como as outras mulheres, uma mulher que ampliou as

fronteiras do espaço privado para o espaço público da atuação política. Como as outras mulheres? Definitivamente não, pois se apresentava ao domínio público não como "dona de casa" ou "mãe de família", mas como cidadã atuante na sociedade. Além de desempenhar o papel de intelectual, a professora universitária militava no ilegal PCB. Promovia reuniões com intelectuais, militantes de esquerda, e artistas em sua própria casa. E, como jornalista, escrevia para o **Correio Braziliense**.

Pode-se perceber então, que Yvonne não se enquadrava na postura esperada das mulheres na época. Desta forma, foi perseguida pelo regime sendo demitida da UnB em 1964 e presa duas vezes. Após o golpe militar, o **Correio Braziliense** passou a receber censura prévia como todos os grandes jornais, e o que ela escrevia só seria publicado dentro dos padrões exigidos pela censura.

A nossa personagem-testemunha é então mais vilã que mocinha, pelo menos para o regime autoritário. É uma mulher que reúne em si todas as características para ser vista com ódio e temor pelos militares. Uma possível ameaça, uma "inimiga do sistema: 'Apêndice do homem e responsável pela perda do paraíso, a mulher (...) passou a representar a grande ameaça à humanidade'. Já que "pecadora e aliciadora", ela deve ser vigiada, controlada e encaminhada para a salvação". (26) Além de não seguir o papel social postulado pelos do-

nos do poder político e da força militar e restringir-se ao espaço privado, ao ocupar o espaço público o fazia da forma mais temida e indesejada possível: sendo uma mulher comunista, intelectual, escritora, jornalista, promotora cultural, professora. Conseguiu reunir em si todos os perseguidos pela ditadura militar.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) François Dosse. A História em Migalhas. São Paulo: Ensaio, 1992, p. 256.
- (2) Id., p. 257.
- (3) Id., p. 257.
- (4) Id., p. 257.
- (5) Heloísa Maria Murgel Starling. Os senhores das gerais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 19.
- (6) Id., p. 23.
- (7) "Anteprojeto do Manifesto do Centro de Cultura, redigido em março de 1962. In Starling, Heloísa Maria Murgel. Os Senhores das gerais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 23".
- (8) Id., p. 29.
- (9) René Armand Dreifuss. 1964: A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 337-338.
- (10) Extraído de Starling, p. 33.
- (11) Id., p. 33.
- (12) Solange de Deus Simões. Deus, Pátria e Família: As mulheres no golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 40.
- (13) "Sobre a atuação do IPES no processo de mobilização das mulheres a nível nacional e as diversas organizações femininas do período, ver: Dreifuss, René Armand. Op. cit., p. 294 s. Simões, Solange de Deus. Op. cit."

- (14) Solange de Deus Simões. Op. cit., p. 42-43.
- (15) Starling. Op. cit., p. 153.
- (16) Id., p. 154.
- (17) Nelson Werneck Sodré. História da História Nova. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 9.
- (18) Zuenir Ventura. 1968 o ano que não terminou. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Fronteira. 1980. p. 164.
- (19) Reynaldo Barros e Antônio Paim. Curso de Introdução do Pensamento Político Brasileiro. Editora Universidade de Brasília, 1982. Unidade XI e XII. p. 116.
- (20) Simone de Beauvoir. O Segundo Sexo. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Fronteira. p. 9.
- (21) Solange de Deus Simões. Op. cit. Cap. II - Guerrilheiras Perfumadas. p. 45-65.
- (22) Id., p. 137-144 e Aldenira Maria Piedade de Faria. "A Construção do gênero nos discursos do Partido Comunista do Brasil e da ação integralista brasileira (1935-1979): Dissertação para obtenção do grau de mestrado, pela Universidade de Brasília, na área de política interna do Brasil, março de 1995. p.121-122.
- (23) Id., p. 54 (grifos da autora).
- (24) Id., p. 120.
- (25) Id., p. 119.
- (26) Aldenira Maria Piedade de Faria. Op. cit. p. 121.

CAPÍTULO II

ALGUMAS IDÉIAS SOBRE YVONNE JEAN

Em reportagem publicada sobre Yvonne Jean o Correio Braziliense lhe atribui o codinome de jornalista militante. A atuação intensa na vida pública da cidade faz de Yvonne Jean uma personalidade símbolo da época. É no adjetivo militante que vemos a sua importância para a nova capital. E é na nova capital, na nova universidade e acreditando no sonho de novo Brasil que ela "firma pé" em Brasília. O início da década de 60 é, como já dissemos, a marca do ideal de um novo país, mas também é a marca de que é necessária a organização da sociedade para o desenvolvimento nacional. A efervescência cultural e política se estende durante toda a década e deixa como herança para o período pós-golpe de 64, o germe da resistência ao Estado autoritário: a militância. Independente do âmbito e da forma, todos que se posicionaram contra o regime formavam um bloco com a característica que marca tal momento da História política do período: a solidariedade.

Essas características são mais que visíveis na pessoa de Yvonne Jean. É isto pelo menos que podemos perceber quando alguém fala de Yvonne Jean, seja no atributo de "a jornalista militante" ou no que podemos depreender das entrevistas realizadas pela equipe do Arquivo Público do DF com pessoas que conviveram com ela. Yvonne Jean é testemunha de peso das transformações pelas quais passou a sociedade e a geração dos anos 60, com relação aos seus sonhos e suas frustrações na vida política do país. E o que a habilita para tal não é o fato de ter visto tudo de perto e com a visão privilegiada de quem foi colunista diária do jornal mais importante da capital brasileira. O que a credencia como testemunha chave, é que ela era participante e atuante, e dessa forma pôde sentir na pele tudo o que aconteceu. Durante o início dos anos sessenta, ela, como todos os brasileiros, acreditou e sonhou com um novo país. E mais do que isso, lutou pela sua construção, na cidade que era o maior símbolo de modernidade da época. Ela lutou contra o regime que foi marca da frustração desses sonhos, dessas esperanças, sem no entanto deixar de acreditar. Talvez por isso os problemas com o Estado que a levaram a condenação. Como alerta Rubem Alves: "Existe sempre liberdade para que os oprimidos sonhem seus sonhos. Quando os sonhos pretendem invadir o mundo real, entretanto, aparecem os mecanismos estatais de repressão". (1)

Como já alertamos, a proposta desse trabalho não é estudar

a vida pessoal de Yvonne Jean, nem tentar construir o símbolo de uma heroína brasileira. O que pretendemos é entender a pessoa para compreender o que está ao seu redor, as suas circunstâncias. Desta forma um material de pesquisa essencial são as entrevistas realizadas pela equipe do Arquivo Público do DF como apoio ao fundo documental de Yvonne Jean. São quatro entrevistas feitas entre agosto de 1989 e janeiro de 1992. Neste capítulo então, analisaremos este material observando os pontos relevantes, os pontos comuns e também os pontos de desacordo contidos nos relatos.

Não estamos, cabe ressaltar, tratando esse material como documentos históricos convencionais, pois não o são. Entendemos cada entrevista como um discurso sobre a vida de Yvonne Jean e que assim tenta estabelecer um corpo coerente. Não acreditamos que possa haver um resgate do passado tal como ele aconteceu, mas sim que se constroem idéias do que se passou e afinal o que tem importância são os discursos elaborados sobre a realidade. Essas entrevistas foram realizadas com pessoas muito próximas de nossa personagem e guardam laços estreitos com a sua imagem. Estariam, dessa forma, condenadas a não utilização pelo excesso de subjetividade contido, diriam alguns. Para nós, no entanto, isso se apresenta como riqueza, pois não nos escondemos atrás de um discurso pretensamente verdadeiro por se designar científico.

Iniciaremos agora um resumo das entrevistas e depois faremos uma relação dos pontos de encontros e desacordos nas entrevistas.

A primeira entrevista foi feita com o médico Gustavo Ribeiro em agosto de 1989. O Dr. Gustavo Ribeiro conheceu Yvonne Jean em 1965 em reunião do Partido Comunista Brasileiro na sua casa, tornando-se amigo pessoal com o tempo. Na entrevista ele fala de Yvonne Jean desde a sua chegada ao Brasil até a sua morte em 1981. Faz um relato importante sobre sua militância política no PCB, sobre sua transferência para Brasília-UnB, sobre sua vida pessoal e profissional.

A segunda entrevista é com a Profa. René Gunzburger Simas e trata de aspectos pessoais de Yvonne Jean em Brasília, quando seu primeiro contato em 62 e durante a amizade entre elas. Realça a atuação de Yvonne Jean na educação e cultura e suas atividades intelectual e política em Brasília.

Em outubro de 1989, Zilah Reis foi entrevistada como amiga pessoal e frequentadora da casa de Yvonne Jean. Fala sobre a personalidade de Yvonne Jean e traz observações quanto a idéias sobre a mulher.

A quarta entrevista foi feita com João Luiz da Fonseca, seu

filho, em janeiro de 1992. Ele fala sobre várias fases da vida de sua mãe, desde sua origem familiar até sua morte.

Como seguiam roteiro pré-estabelecido, tais relatos tem muitos pontos em comum. Interessam-nos contudo os aspectos da atuação de Yvonne Jean na política, cultura e educação.

Em todos os relatos observamos a idéia de Yvonne Jean como uma pessoa atuante e envolvida com a vida da cidade. Os relatos falam de Yvonne Jean como grande incentivadora nas áreas de cultura e educação. O seu papel destacado de jornalista no **Correio Braziliense** a leva ao contato com esses problemas na nova capital.

Esse ativismo também aparece na questão política, em específico na sua militância no PCB e contra o autoritarismo que a levou à prisão. Com relação a este aspecto é importante lembrar que há ausência de documentos que provem sua filiação e sua militância no PCB. Isto, é claro, deve-se ao caráter sigiloso que o partido clandestino tornava necessário. O que temos sobre isso são essas entrevistas. É curioso, inclusive, que apesar do seu filho João Luiz da Fonseca afirmar que ela não tinha envolvimento com nenhum partido político, os outros relatos revelem, se não a filiação, o engajamento ao PCB, sendo inclusive através de reunião do partido que Gustavo Ribeiro diz ter conhecido Yvonne Jean:

"O início foi um conhecimento de natureza política... porque, nós, eu e muitos outros, não aceitávamos o Golpe de Estado, a ditadura... e passamos, a nos reunir na casa da Yvonne Jean... posteriormente, quer dizer, eu me filiei como ela, se filiou, ela já era filiada ao Partido Comunista Brasileiro... que na época era um partido clandestino e perseguido". (2)

Certamente alguém que militou no PCB, não se enganaria quanto a presença de outro militante como companheiro. Essa participação no partido é confirmada por René Simas:

"Olha, eu não sei se ela era filiada. Eu sei que ela seguia pelo menos na orientação, né? Do, do partido. Ela participava como jornalista, né? Na base dos jornalistas, intensamente, né? E daí ela ter (...) É ter sido presa, né? Por causa disso". (3)

O relato de Zilah Reis apenas sugere uma participação política que teria levado Yvonne Jean à prisão:

"E então a gente participou juntas, em movimentos que eu vi nos jornais, nos recortes que Ricardo tem guardado, até listas de nomes de proteção aos filhos estudantes. E a gente tinha várias reuniões etc. e tal. Mas ela tinha uma atuação a mais, do que a minha, na época. Então, eu ficava mais nessa e ela tinha coisas mais profundas, mais extensas, que a levaram a prisão, em 70, né? (4)

Por outro lado João Luiz da Fonseca, filho de Yvonne Jean

não traz muito a questão política, pelo contrário, é direto quanto a isso:

~P. - Ela era ligada a algum partido político?

R. - Não." (5)

Outro ponto fundamental e constante em todos os quatro relatos é o das prisões de Yvonne Jean. A forma, porém, como essa questão é tratada diverge ou converge de acordo a cada entrevistado. Há referências de uma detenção em 64, uma prisão por condenação em 1971 e uma segunda condenação em 1973. A única vez que foi para a cadeia de fato, foi na sua detenção em 64. Na condenação em 1971, cumpriu prisão domiciliar e quando foi condenada pela segunda vez, encontrava-se doente e internada no hospital Sarah Kubitschek foi apenas vigiada.

No relato de João Luiz da Fonseca encontramos a narração , sem muitos dados sobre esse tema:

~ - Prisão, foi... no começo da... ditadura. Quer dizer, na época todo mundo... que cuidava muito da parte cultural, foi perseguido, ela também. Aí foi presa, teve uma série de acusações e... como o processo foi muito moroso, ela, quando ela foi absolvida já tava no final da pena ... Não adiantou muito.

- Mas ela cumpriu a pena em casa, né?

- Em casa." (6)

Como disse, tal relato não traz dados muito claros sobre datas e portanto, a qual prisão se referia: como fala que a pena foi cumprida em casa, parece ser a prisão de 1971. No entanto, ele fala que foi no começo da ditadura o que parece gerar um pouco de confusão. O que talvez seja mais importante, é a clara preocupação em explicar o acontecimento em função do ativismo cultural de sua mãe e não de alguma atividade política proibida.

O relato de René Simas também não traz muitos detalhes sobre as prisões de Yvonne Jean, ela apenas confirma as informações do entrevistador sobre a detenção em 64 e as condenações posteriores. René Simas narra como foi a prisão de Yvonne Jean, quando estava internada:

“É uma das vezes também que ela recebeu, assim, ordem de prisão, estava, ela estava internada no Sarah Kubitschek, né (...) com o problema do reumatismo, né? Que ela teve que operar mais de uma vez. Então ela estava amarrada na cama, né? E aí, o guarda ficou na porta. Então não chegou a levar, né?”(7)

Zilah Reis completa o quadro, registrando o mesmo fato:

“Uma das razões que ela ficou, é, não ficou detida, né? Como outras pessoas ficavam, ficou no hospital, detida no hospital, porque ela já estava bem doente. Porque o Campo da Paz, que até hoje é o diretor do Sarah Kubitschek, proporcionou que ela ficasse lá.

Eram amigos. Então ela teve esse tipo de prisão hospitalar, né? (8)

O médico Gustavo Ribeiro só conheceu Yvonne Jean depois de 1964 e só teve contato com a segunda prisão de 1971. Ele conta porque ela não foi para a cadeia propriamente dita, somente sendo obrigada a ficar reclusa em sua casa:

~ - Eu a conheci no segundo período quando ela foi julgada e condenada, e ficou um ano reclusa em função da situação de saúde dela. Ela ficou, ela não foi pra qualquer estabelecimento carcerário, ela ficou presa em casa. Mas mesmo assim, nunca... ela se deixou abater". (9)

Assim percebemos que os relatos, não trazem pormenores dos momentos das prisões de Yvonne Jean. Percebemos uma incoerência nas narrativas de João Luiz e de Gustavo Ribeiro. O primeiro afirma que sua mãe teria sido, já ao final do cumprimento da pena, absolvida. O segundo diz que a sua prisão foi devida a julgamento e condenação. Poderíamos especular que talvez ela tivesse tido uma revisão no processo e o segundo veredito seria o de sua inocência. Mas também poderíamos pensar outras várias possibilidades (e seria só especulação). No âmbito dessa pesquisa porém, o que importa não é esse aspecto jurídico formal, importa-nos afirmar que Yvonne Jean teve problemas com o Estado Autoritário e que esses problemas levaram-na, inclusive, a ser presa. A forma como isso aconteceu não nos interessa por enquanto ,

pois a riqueza dos relatos está em tentar explicar as razões que a levariam a ser perseguida pelo regime. É a partir desse ponto de vista que as entrevistas tornam-se extremamente interessantes. Já vimos, por exemplo, que João Luiz ao falar da prisão da mãe, preocupava-se em explicar que tal acontecimento se deu em função de seu ativismo na área cultural e, como após a ditadura todo mundo que trabalhava com a área artística era perseguido. Isso também teria acontecido com ela.

Com certeza o seu gosto pela arte era grande, mas não se dava apenas na forma de apreciação. O seu incentivo à cultura parece ser uma das facetas que integraram o seu jeito de ser, sempre estando bem relacionada com as principais personalidades da cultura. Isso é uma constante nas entrevistas. É o que podemos perceber com sua amiga Zilah Reis:

"Eu acho que ela deixou o seu nome firmemente vinculado à cultura em Brasília. Porque além do seu trabalho de jornalismo na cidade, ela era uma grande incentivadora de eventos importantes em Brasília. Numa época em que Brasília era muito carente, muito pequena ainda, ela conseguia enriquecer, dar muita beleza aos momentos culturais da cidade. Apoiando ini... e... iniciativas locais de artistas locais, intelectuais, poetas, art... artistas plásticos, etc. e tal. E recebendo sempre aqueles que vinham de fora..." (10)

Confirmando esse depoimento, Gustavo Ribeiro relembra a atuação de Yvonne Jean como "marchande":

"Era uma profunda conhecedora de artes plásticas. E mantinha até como um negócio pra poder sobreviver, porque ela foi... demitida da Universidade de Brasília, onde ela era professora. Ela tinha um negócio de comércio de, de objetos artísticos. É, uma espécie de "marchande". (11)

Sobre a existência dessa galeria também é feito o registro por René Simas:

"Ela foi a primeira pessoa que abriu uma... começou um movimento de arte, porque ela conhecia todos os artistas do Rio, junto com Oscar Seraphico, que era o Paiol, uma galeria no Gilberto Salomão". (12)

O envolvimento de Yvonne Jean com a cultura está presente nos quatro relatos que estamos analisando, mas isto ainda é muito pouco para explicar as razões que a levaram à prisão. Assim, os relatos trazem outras explicações para o acontecimento. Em René Simas encontramos o seguinte:

"Então quem se instaurou no poder, se instaurou à custa de tentar expurgar quem pensava, né? Então ficou mais fácil localizar, como a cidade era pequena, mais localizar. Por exemplo, a Yvonne não tinha, não teria como se esconder, porque ela era uma mulher

atuante, ela dizia o que pensava no jornal, né? Então, é realmente, era uma mulher de esquerda, não tinha como, entendeu?" (13)

A notoriedade de seus artigos no Correio Braziliense, deixou-a exposta e, sem dúvida, olhares curiosos e desconfiados tornaram-se muito mais atentos. No entanto, escrever no jornal, não foi o único "crime" cometido por Yvonne Jean - crime sob ponto de vista da ditadura. Os seus artigos de "A esquinada de Brasília" e "O ensino dia a dia" tornavam necessário à autora, que andasse na cidade toda e conhecesse seus problemas. Além de denunciar tais problemas, ela se envolvia e partia para a ação. É na entrevista com Zilah Reis que identificamos outra explicação para seus problemas com o regime militar:

"Setenta e um. Então eu não participei das razões que a levaram à prisão na época. Mas já a conhecia, e tínhamos outros trabalhos juntos, e éramos amigas. Então eu não, não acompanhei os dias da prisão da Yvonne, tive notícias de longe, assim, mais longínquo. Mas depois ela falava com naturalidade sobre aquilo, que muitas pessoas tiveram, é, atuações maiores do que ela, mas ela foi presa porque trabalhou na UnB, porque lutava, porque escrevia e era inconveniente então pra ela, pras pessoas, pro governo da época, que ela ficasse continuando a escrever, a reunir, a falar. Ela achava isso, que foi uma injustiça dado a, ao tipo de atuação dela, né? Mas sempre foi uma lutadora, pra democratização do país, e contra aqui-

lo que ela considerava uma enormidade".(14)

Nesse quadro pintado por sua amiga Zilah Reis, começamos a perceber as razões que levaram Yvonne Jean a ter problemas com o regime militar. Exatamente ao se opor e lutar pela redemocratização ela passa a ser um elemento "perigoso". Mas como essa luta acontece? É no depoimento de Gustavo Ribeiro que o tom mais político de Yvonne Jean se apresenta mais forte:

"Meu conhecimento com Yvonne Je... com Yvonne Jean data de 1965, 69, 66 aproximadamente... O início foi um conhecimento de natureza política... porque, nós, eu e muitos outros, não aceitávamos o golpe de estado, a ditadura... e passamos, a nos reunir na casa de Yvonne Jean. Posteriormente, quer dizer, eu me filiei como ela, se filiou, ela já era filiada ao Partido Comunista Brasileiro... que na época era um partido clandestino e perseguido. E, desse conhecimento de natureza política nasceu uma amizade muito grande". (15)

Vemos então que, segundo Gustavo Ribeiro, a casa de Yvonne Jean serviu várias vezes como quartel general do PCB. Podemos ter uma idéia razoável de como aconteciam tais reuniões observando outra parte da entrevista:

"Eu me recordo de uma coisa muito curiosa, mas isso aí vai muito mais na vida... Quando foi cassado o Márcio Moreira Alves... nós chegamos no dia anterior à cassação do Márcio Moreira Alves, nós tínhamos uma reunião

na casa dela. Diversas pessoas do Partido , até pessoas... ligadas ao Comitê Central do Partido. Todo mundo achava que ia haver uma abertura, ela era um dos poucos que não achava que ia haver, e realmente, no dia seguinte, houve a cassação do Márcio, e o Ato Institucional, a decretação do Ato Institucional nº 5". (16)

Assim percebemos como aconteciam tais reuniões. A importância delas devia ser grande pois o registro de pessoas do Comitê Central do PCB, foi feito pelo entrevistado. E o próprio conteúdo das discussões também tornavam tais reuniões importantes. Todavia a casa de Yvonne Jean não servia apenas a reuniões do partido, e se o pano de fundo sempre era a política, os temas eram variados. René Simas também fala sobre essas reuniões:

~ - E a casa da Yvonne Jean... porque ela foi... cultuava, né? O salão, né? Então ela convidava as pessoas, entendeu? Em torno de alguma comida, alguma coisa, ou não. Mas... mas as pessoas se reuniam na casa de Yvonne pra conversar, né? Então era uma conversa...
- E conversavam de tudo?
- É, conversavam de tudo, mas pelo, pelas pessoas que ela reunia e por ela própria, né? Levava a que a conversa não ficasse só em banalidade, né? Que se discutisse tudo, né? Ela era uma pessoa essencialmente política. Então, essa coisa também, né? Permeava tudo que ela fazia, né?" (17)

Com isso vemos que as reuniões na casa de Yvonne Jean tornam-se um elemento que pode explicar as razões de sua condenação à

prisão em 1971. Pelas pessoas que participavam e pelos temas tais reuniões só podiam ser chamadas de "subversivas" pelos militares no poder.

Além disso, a partir das entrevistas em análise, ainda conseguimos identificar mais um elemento que leva Yvonne Jean ao confronto com a ditadura, pois em sua ação diária haverá perseguição. Essa militância cotidiana é lembrada por Zilah Reis:

"Bom, eu participei com a Yvonne em 68, com várias mulheres, a mulher do Hermano Alves, a mulher do Márcio Moreira Alves, do Covas, do Valdir Pires, dessa área, área progressista toda que ainda tem diversos atuantes. Como mulheres, é, mães de alunos da UnB que estavam sendo presas, massacradas, etc. e tal. Foi uma época terrível pra UnB, CIEM, que era ali do lado..." (18)

Ao contrário das mulheres de classe média que marchavam com a TFP para proteger o Brasil do perigo vermelho, a luta era travada contra a repressão, a política, a perseguição a estudantes pelo Estado Autoritário. Essa luta nos abre os olhos para outra faceta em Yvonne Jean, a de um certo feminismo. No mesmo relato encontramos o seguinte registro:

"É. O papel da mulher, o papel político da mulher. Ela não era uma mulher que pregava aquilo que eu considero um feminismo válido, quer dizer, a participação da mulher. Em tudo quanto representava alguma coisa de importância, politicamente no Brasil e na ci

dade de Brasília". (19)

Ao governo autoritário o retrato que construímos até agora, só podia ser o de uma "bruxa". E como todas as bruxas, ela tinha um comportamento pouco comum. Ela se estabelecia como pessoa ativa, cidadã e, portanto, atuante fora dos domínios femininos do lar. Toda via, em casa também demonstrava a sua forte personalidade. Quem está atenta para relembrar é a sua amiga Zilah Reis, falando sobre Abelardo da Fonseca marido de Yvonne Jean:

"Muito aberto. Gostava de tudo, é. Participava sempre com ela em tudo. Mas ela dava a tônica na casa, dessa vida social da, da parte intelectual, tudo, sempre foi." (20)

E talvez esteja naquilo que representa o feminino, a sensibilidade, a origem de sua militância. É isso que sugere Gustavo Ribeiro:

"Ela não era uma pessoa, é, era uma pes... ela não era uma pessoa de formação ideológica. Era uma pessoa extremamente sensível, profundamente sensível. E, eu tenho impressão de que, a sua sensibilidade é que levou-a, pr'um... posicionamento político dessa ordem, num partido clandestino, numa situação, como essa que vivia no país. Mas ela não tinha formação ideológica. Bom, não tinha conhecimentos... profundos, o, de marxismo e... eu acredito que essa... essa..."

esse posicionamento político dela se deve...
devesse mais a isso, a sensibilidade dela
foi questão social". (21)

Todas essas facetas compõem um pouco de quem foi Yvonne Jean para as pessoas que conviveram com ela bem próximas, no período após sua chegada em Brasília. Juntando, comparando e opondo as quatro entrevistas esperamos ter lançado luzes sobre a vida pessoal de Yvonne Jean e sobre seus problemas com a ditadura militar. Sabemos que a riqueza dos instantes que compõe uma vida não podem nunca ser resgatados na sua totalidade, ainda mais quando é uma vida tão intensa como a de Yvonne Jean. Assim os relatos e a precedente análise somente dão uma idéia geral dos momentos mais importantes vivenciados pela jornalista.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Rubem Azevedo Alves. O Suspiro dos Oprimidos. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- (2) Depoimento de Gustavo Augusto A. Ribeiro para o Arquivo Público do DF.
- (3) Depoimento de Reneé G. Simas para o Arquivo Público do DF.
- (4) Depoimento de Zilah Almeida Reis para o Arquivo Público do DF.
- (5) Depoimento de João Luiz da Fonseca para o Arquivo Público do DF.
- (6) Id.
- (7) Depoimento de Reneé G. Simas para o Arquivo Público do DF.
- (8) Depoimento de Zilah Almeida Reis para o Arquivo Público do DF.
- (9) Depoimento de Gustavo Augusto A. Ribeiro para o Arquivo Público do DF.
- (10) Depoimento de Zilah Almeida Reis para o Arquivo Público do DF.
- (11) Depoimento de Gustavo A. Ribeiro para o Arquivo Público do DF.
- (12) Depoimento de Reneé G. Simas para o Arquivo Público do DF.
- (13) Id.
- (14) Depoimento de Zilah Almeida Reis para o Arquivo Público do DF.

- (15) Depoimento de Gustavo Augusto A. Ribeiro para o Arquivo Público do DF.
- (16) Id.
- (17) Depoimento de Reneé G. Simas para o Arquivo Público do DF.
- (18) Depoimento de Zilah Almeida Reis para o Arquivo Público do DF.
- (19) Id.
- (20) Id.
- (21) Depoimento de Gustavo Augusto A. Ribeiro para o Arquivo Público do DF.

CAPÍTULO III

UMA IDÉIA DE YVONNE JEAN

Neste capítulo observaremos alguns aspectos da vida de Yvonne Jean enfocando sua produção intelectual. Não podemos, no entanto, estudar no âmbito dessa modesta pesquisa, toda a vasta produção de Yvonne Jean. Optamos por fazer o estudo apenas de uma pequena parte dos seus escritos. Analisaremos, então, o texto que ela queria ver publicado como livro, "A Chave".(1)

Esse texto foi produzido em 1964, dentro da prisão, quando foi detida durante 11 dias, pelos militares, para interrogatório. Yvonne Jean escreveu alguns anos mais tarde um prefácio visando a publicação da obra. Esse prefácio teria sido escrito por volta de 1968. Desta forma temos duas datas extremamente importantes e que marcam períodos distintos do desenvolvimento da ditadura militar e da vida de Yvonne Jean como intelectual e cidadã. A escolha de tal obra para análise, portanto, não é casual, mas pretende refletir esses momentos.

Em 1964 a Revolução de 31 de março - ou o Golpe de 10 de abril, como queiram chamar - e que levou os militares ao poder, inau

gurou um período de caça às bruxas no Brasil. Não bastava tomar o poder, mas era necessário sufocar o "perigo vermelho" que ameaçava as famílias cristãs do país. Nesse mesmo ano de 1964, Yvonne Jean era, como ela mesma conta, apenas uma profissional do jornalismo preocupada com as injustiças sociais e as idéias de liberdade.

A data do prefácio marca um momento distinto na vida de Yvonne Jean e do país. Tal data é imprecisa. Não consta na documentação nada que pudesse nos precisar quando foi escrito. Existe apenas um bilhete de seu amigo Osvaldino Marques devolvendo os originais de "A Chave" com data de 1968.

Esse bilhete está anexado ao livro, na primeira página do prefácio. Outro detalhe que pode indicar a data é o contexto a que se refere Yvonne Jean dizendo que na época se falava em anistia e acreditava-se na abertura do regime. No período anterior ao AI-5, parte da esquerda acreditava exatamente no fim das perseguições e no início da redemocratização, porém isso não aconteceu e o regime se fechou mais ainda. Isto tudo parece indicar o ano de 1968 como o da produção do prefácio e tentativa de resgate da obra de 1964 "A Chave". O que importa no entanto, é que nesse segundo momento, Yvonne Jean já é militante do PCB, engajada na luta contra a ditadura militar.

É necessário agora, que abramos parênteses para explicar nos-

sa análise da obra que se seguirá. Toda produção artística, literária, poética traz em si o caráter de um discurso polissêmico. É por isso que consegue ser universal, pois cada um que tem contato com a obra, pode nela se ver, ou ver seus sentimentos, angústias, alegrias e dramas pessoais. Ao contrário da arte, o discurso científico se faz de forma unívoca por almejar a objetividade. Para ser científico o discurso tem que falar apenas o que a realidade é. "A Chave" é um texto onde a jornalista Yvonne Jean libera sua veia poética. É produzido sob forte tensão, pois a autora o escreve dentro da prisão. É portanto, um pouco problemático tentar extrair daí um falar homogêneo. Podemos, no entanto, observar as entrelinhas, os relatos e as citações para produzir nossa análise, que ao pretender-se científica não pode abrir mão de um certo grau de objetividade. Não o fazemos por acreditarmos no estabelecimento da verdade absoluta a partir da ciência. Nem tampouco produziremos um discurso fechado, rígido. Não acreditamos na afirmação da verdade, mas de uma verdade, isto é, de uma leitura da realidade histórica que nos propomos a pesquisar, entre tantas outras leituras possíveis. Atentos à riqueza do texto, e para que possamos ter uma visão mínima, porém não distorcida; e de conjunto do livro "A Chave", faremos a citação continuada de trechos da obra. Isso funcionará como uma espécie de resumo. Somente após a apresentação desses fragmentos procederemos à análise do livro. Esperamos com isso não perder a riqueza da poesia e das emoções de Yvonne Jean enquanto produzia "A Chave".

Logo na abertura do texto justifica o título:

"Quatro passos e meio num sentido. Cinco passos e meio noutro. E, para melhorar, oito passos na diagonal. 914 ladrilhos vermelhos no chão. E, principalmente, uma chave que gira na fechadura da porta, do lado de fora. Uma chave movida por mãos invisíveis, que mandam. Uma chave que decretou: "Este é o teu mundo". Quatro passos e meio... cinco passos e meio..."

Em seguida fala da origem da sua prisão, isto é, uma detenção para interrogatório como muitas que aconteceram na época:

"Fui detida, eufemismo que quer dizer "presa". Após um longo interrogatório, um coronel decretou que eu não "cooperara", que meu depoimento era fluído e que ia me deter".

Em seguida expõe seu objetivo ao escrever esse livro:

"O que quero é, simplesmente, transmitir o dia a dia do prisioneiro, daquele a quem tiraram, repentinamente, sua bela liberdade pessoal:

E aprofunda dizendo:

"Por que faço questão de transmitir este dia a dia monótono e longo, que explica perfeitamente a relatividade das horas? Por que? Porque quero explicar sincera, exata e fotograficamente, o poder de quatro paredes cinzas sobre a mente e o ser e a subsequen-

te compreensão total do pleno sentido da palavra "liberdade" para perguntar, em seguida, se os homens tem o direito de to-
lhir esta liberdade, sem razões todo-pode-
rosas, e roubar, por sua vontade, belos
anos de vida, ou mesmo belos dias de vida
ao irmão, sem mais nem menos".

Desta forma então, o referencial que elege como fundamental está alicerçado em razões universais, todos eles englobados na idéia de liberdade. Esse canto à liberdade é tão universal, que a lembra de palavras de um herói de sua terra natal, a Bélgica: "Filho, nunca tires ao homem nem ao animal sua liberdade, que é o maior bem deste mundo. Deixa cada ir ao sol quando sente frio e na sombra quando está com calor".

E explica a dimensão da sua situação:

"Gostava da soberba destas palavras. Repentinamente, compreendi-as. Compreendi-as, mesmo, não mais por alto, intelectualmente, mas na carne".

E completa sua idéia dizendo:

"Quase ficarei grata pelos dias que me deram a possibilidade de sentir, na carne, a palavra "prisão", liberta lá de seu invólucro de literatura e meditá-la no decorrer das longas horas bem concretas entre quatro paredes".

É, portanto, a sua personalidade jornalística que a leva a pensar na sua detenção como algo a ser retratado:

"Tanto assim que, como todo repórter que se preza, já pensava em viver a experiência (...). Sei agora que isto não teria sido autêntico. Porque o básico não é a crueldade e sim a prisão em si, a anti-liberdade".

E no entanto defronta-se com algo muito mais profundo e imaginável para quem não foi preso:

"Porque, no fundo, continuaria um ser livre. Agora, não. Não há maus tratos, mas é "deles" que depende a minha saída. Eles, os invisíveis, que são o meu destino e a minha vida. E é aí que está toda a diferença. Esta chave já se tornou imensa, domina a noite, gira, gira, gira na minha cabeça, toma conta da noite. Só penso na chave que diz que outros pensam em mim e por mim resolvem".

Sucedem-se então por uma busca de fazer passar as horas na detenção:

"Oh! Esta busca de uma ocupação para não pensar, para ajudar as horas a passar, e afastar a solidão e o silêncio. Tudo é bem-vindo".

Essa busca incessante de ocupação só é interrompida pelos passeios no pátio e as visitas de seu marido Abelardo:

"A tarde estica-se. Anunciaram-me uma visita às quatro horas. São cinco. Esta última hora foi a mais longa de minha vida. Espero a visita do Abelardo como a única coisa que importa".

Há também a preocupação em contar como chegou àquele lugar e porque razão haveria ela de estar detida. Neste momento, o relato ganha em importância histórica. Yvonne Jean, após refletir algum tempo, narra a sua detenção:

"Foi chamada para depor. Nunca é animador um chamado destes. E eu nunca tivera contato pessoal com a polícia, seja ela civil ou militar! Mas dominei a angústia e respondi calmamente aos militares que me faziam perguntas, e perguntas, e perguntas. Mas quando declararam que meu depoimento não prestava porque não representava uma colaboração - o que em português claro quer dizer denunciar! dedo-durar! - e que por isso, iam me deter, não entendi bem".

E os dias se passam e Yvonne Jean já ambientada com o cotidiano do quartel continua na sua busca para fazer o tempo passar e tentar acabar com a monotonia da sua cela:

"Dois mundos - o dos sargentos, cabos e soldados e o dos oficiais superiores. Dois mundos diferentes. Eu pensava que um conti

nuava o outro. Não é bem assim. Que reportagem escreveria caso pudesse aproveitar este retiro no mundo dos soldados de maneira mais útil que trancada num quarto! Hoje, então, que a energia voltou repelindo a prostração... Uma tarde para dançar. Aliás, a rádio transmitiu um samba e dancei mesmo. Não de alegria, é claro, mas para exteriorizar esta energia e fugir aos quatro passos e meio".

Uma amiga sugere "por a embaixada belga em movimento, tratar de uma volta à Europa", contudo Yvonne Jean recusa fortemente e afirma com intensidade a sua nacionalidade brasileira, abrindo mão de uma grande possibilidade para o fim de sua prisão:

"Mesmo que tenha que ficar neste quarto mais que cem anos, faria questão que o sofrimento brasileiro acabe em alegria brasileira. Porque jamais pensei seriamente em deixar este país, mesmo na hora em que perdi a UnB, alguns amigos e muitas esperanças. Desde que escolhi esta nacionalidade de livremente, por querer, seria absurdo e até inadmissível lembrar-me da antiga em hora de aperto! Aperto que, aliás, me vincula ainda mais estreitamente a este povo".

Este compromisso firmado com o povo brasileiro e, principalmente, com as dificuldades, marcam o novo tom dado ao seu discurso. E abre espaço para o grande final:

"Há pouco o coronel lembrou-me que recebi o tratamento que deve ser dado "a uma senhora". Realmente fui bem tratada, mas prisão é prisão, detenção é detenção, o

não-direito de dispor de si próprio é um fato. (...) É por tê-lo sentido tão fundo mesmo em condições "boas", que consigo agora colocar-me na pele dos milhares de presos que, além da solidão, ansiedade, parada de vida, revolta, e todo o mais que quatro paredes e uma chave envolvem, sofrem a fome, os espancamentos, o eletrochoque, o pau de arara, o chão nu, a escuridão, as ordens berradas e todas as torturas ditas pelo desprezo da dignidade humana, que estão sendo aplicadas a tantos presos políticos em nosso Brasil".

Como pudemos ver, o texto é um diário de prisão onde a autora expõe seus pensamentos, até como forma de não resignar-se a tal condição. Desta forma o teor dos seus escritos tem forte carga emocional gerada pelas circunstâncias de sua produção.

Num primeiro momento, entre o choque e a indignidade por estar presa, Yvonne Jean tenta descrever sua sensação de estar ali. Como fora parar na prisão é o primeiro relato que faz como forma de tentar explicar sua situação. Nesse momento identificamos que a sua detenção ocorrera para interrogatório. O fato de não ter "cooperado" levou-a a detenção.

A sua intenção é, ao escrever "A Chave", de uma forma até jornalística, relatar e transmitir o dia a dia do prisioneiro. É mostrar os sentimentos que somente quem está preso pode realmente sentir, a saber: a falta da liberdade. Yvonne Jean quer explicar tal realidade "fotograficamente". Ao fazer isso, o referencial que elege como fundamental está alicerçado em valores universais, todos eles

englobados na idéia de liberdade. A indignação inicial se transforma em ação, e ela começa a escrever na prisão. O valor universal da liberdade ela agora pode sentir na pele, isto é, em dimensão bem mais concreta do que antes, por estar na prisão.

Como a bandeira que emprega como símbolo de sua luta é universal, o seu protesto também tem esse caráter. Ela propõe que o seu texto sirva para provar que ninguém tem o direito de tirar a liberdade de ninguém. A própria categoria "prisioneiro" ou aquele que tiraram sua liberdade, é por ela trabalhada na dimensão de universalidade. Yvonne Jean via sua prisão como qualquer outra acontecida em qualquer lugar e época e com qualquer ser vivo.

Ao estabelecer tais elementos como universais, o tom de seus escritos se torna vago, na medida em que não consegue entender o porquê está presa. A autora, pelo menos a partir do texto, não estabelece claramente contra quem ou o que está lutando.

No entanto, esse tom meio vago, começa a ser abandonado quando Yvonne Jean afirma a nacionalidade brasileira como algo que abraçou e não abre mão. É nesse momento que as suas reflexões dão uma reviravolta. Ela não abandona o valor da liberdade como universal, mas começa a perceber que a luta pela liberdade no Brasil da época tem um inimigo concreto e esse inimigo é a força das armas e do poder do Estado. É também junto com a afirmação da nacionalidade que surge a

solidariedade a seus compatriotas, ou melhor, "a tantos presos políticos no Brasil". Essa afirmação termina na fluidez das palavras escritas quando estava presa, pelo contrário, redundando em atos concretos e em luta constante contra o regime que oprime e instaura a mediocridade, como ela observava.

O momento da prisão é tão marcante para Yvonne Jean que ao redigir o prefácio, ela mesma fala sobre a importância desses dias para a sua vida. Ela atribui a esses momentos a sua "tomada de consciência", a sua politização posterior. E de fato é somente depois de 1964 que ela começa a militar no PCB, patrocinando reuniões políticas em sua própria casa. É desta forma que ela se refere ao período:

"Eu absolutamente não era politizada nem pertencia a partido político algum. (...) Foram exatamente estes dias de prisão absurda que levaram um indivíduo um tanto romântico e muito ingênuo a "pensar" e começar a compreender que cada ato, por menor que seja, é político e representava uma escolha, já que a não escolha também é uma definição. Foram exatamente estes dias de prisão que substituíram uma atitude honesta porém superficial e um tanto alienada por uma revisão em profundidade".

Assim podemos ver que é a própria Yvonne Jean quem elege os dias de sua prisão, como sendo os que a levaram a uma "revisão em profundidade". É a partir do voto de solidariedade que vimos em "A Chave", que nasce a sua militância no PCB contra o regime autoritário.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

- (1) "A Chave". Texto escrito por Yvonne Jean dentro da prisão em 1964. Não publicado.

CONCLUSÃO

A nossa proposta inicial nunca foi a de escrever a biografia de Yvonne Jean, enaltecendo suas características e glorificando suas virtudes. A nossa idéia primeira era investigar a atuação de Yvonne Jean enquanto sujeito histórico e, por tal, testemunha de um período de extrema importância na trajetória política do país.

O trabalho do historiador por vezes, deve ser menos de esmiuçar e mais o de perceber. O incessante jorrar de fatos e documentos históricos que cresce quando tratamos de temas contemporâneos, não deve nos levar à insensatez do delírio positivista de tentar descrever a história "tal como aconteceu". Certos neo-positivistas, na incapacidade de generalizar, optam pela precisão de temas irrelevantes, por medo da imprecisão de qualquer globalização. Eu não posso abdicar do direito epistemológico de sugerir, até porque não fiz a opção simples de esmiuçar. O que importa é o que se pôde perceber das análises feitas. A escolha de algumas idéias já apontam para a conclusão.

É o tema da prisão a esquina onde se encontram as várias fa

cetas da vida de Yvonne Jean. Eleito por ela própria como o momento que marcou uma tomada de consciência, sua politização, a detenção de 64 nos traz a uma primeira idéia. Vimos que antes de tal fato, Yvonne Jean tornara-se conhecida em Brasília por causa de seus artigos no **Correio Braziliense**. O teor de seus escritos a inseria naquele grande e heterogêneo grupo que acreditava e lutava pelas reformas na sociedade. Essa ala progressista tinha como um dos símbolos de esperança, a nova capital. Para Yvonne Jean, apaixonada pela cidade, a idéia de novo estava presente principalmente no projeto da nova universidade, para o qual veio colaborar. Vimos que a marca desse período pré-golpe de 64 era a intensidade da vida social e política e a solidariedade na crença do novo que unia os mais diversos grupos que lutavam por ele. Uma vez instaurado o golpe e o regime da ditadura militar, iniciou-se a caça indiscriminada a todos os que propunham mudanças, sob codinome de comunistas e inimigos da pátria. Se para Yvonne Jean a detenção de 64 a colocou claramente na luta contra o regime através do PCB, tal momento representa também para tantos outros a transformação da antiga sociedade em militância política contra o Estado. Yvonne Jean representa assim todo um grupo de pessoas que acreditou e lutou pelo novo antes de 64 e depois, até por consequência, lutou contra o regime militar. A primeira sugestão que fazemos, então, é que a solidariedade e a efervescência política do inicio dos anos 60 teria se transformado em militância contra o autori-

tarismo, tal como aconteceu com Yvonne Jean que chegou até nas fileiras do PCB.

Uma segunda idéia está ligada à atuação da mulher nesse período. Mostramos no capítulo 1 como foi importante a presença das mulheres para a gestação e consolidação do golpe de 64. Disso, o papel desejável da mulher era o de "dona de casa", limitando-se à esfera do domínio privado do lar. A invasão das ruas pelas mulheres não marcou uma ruptura a essa função, pois elas se apresentavam ao domínio público como mães, filhas, esposas. Isto é, sempre como acessórios dos homens e não como cidadãs, sujeitos de sua própria história. Demonstramos, então, que houve uma instrumentalização dessas mulheres pelos patrocinadores e articuladores do golpe.

Yvonne Jean não cabe nesse modelo, pelo contrário, ela é exatamente o oposto disso. Uma profissional bem sucedida, vimos que mesmo dentro de casa sua personalidade forte marcava o ritmo. Na vida pública, tinha o seu próprio nome, não necessitando dizer que era esposa de tal homem, ou filha de outro. Ela era apenas Yvonne Jean a jornalista, com coluna diária no **Correio Braziliense**, ativista cultural da cidade, professora da Universidade de Brasília entre tantas outras funções que a lançavam como cidadã, com livre trânsito na vida pública.

A nossa segunda sugestão é bastante lógica e prática. Ao se estabelecer como cidadã, Yvonne Jean sofreu a perseguição do Estado como qualquer outro cidadão. Se fosse somente uma dona do lar, nada lhe teria acontecido. Tal como ela, todas as mulheres que assim se estabeleceram foram perseguidas. Mesmo que os agentes da repressão tenham tido atuação diferenciada e às vezes hesitante no tratamento da prisioneira como na detenção de Yvonne Jean em 64, institucionalmente o Estado não distinguia. Por isso foi detida, julgada e condenada em 1971, e cumpriu pena, mesmo que prisão domiciliar.

Assim voltamos ao tema da prisão e da perseguição que centralizou nossas análises e certamente marcou a década de 60 na vida pessoal de Yvonne Jean e de tantos outros perseguidos anônimos.

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo Público do Distrito Federal

Gerência de Pesquisa

Projeto Yvonne Jean

ArPDF - História Oral 1991-1992

Depoimentos:

1) Gustavo Augusto Auernheimer Ribeiro

Local: Brasília - DF

Data: agosto de 1989

Duração: 50 minutos

2) João Luiz da Fonseca

Local: Brasília - DF

Data: janeiro de 1992

Duração: 20 minutos

3) Reneé Gunzburger Simas

Local: Brasília - DF

Data: setembro de 1989

Duração: 45 minutos

4) Zilah Almeida Reis

Local: Brasília - DF

Data: outubro de 1989

Duração: 50 minutos

Texto não publicado:

1) A Chave

Texto escrito por Yvonne Jean dentro da prisão em 1964, quando foi detida durante 11 dias pelos militares para interrogatórios. Não foi publicado.

RESUMO

O trabalho investiga a atuação da jornalista Yvonne Jean da Fonseca na década de sessenta em Brasília - 1962 a 1971. Mostra a presença das mulheres na vida política brasileira pré-64. Descreve o testemunho de amigos pessoais de Yvonne Jean, através de entrevistas feitas pela equipe do Arquivo Público do DF, na linha da história oral. Analisa o livro "A Chave", escrito por Yvonne Jean, enquanto estava detida por militares em 1964. Os temas básicos são a prisão e a condenação de Yvonne Jean e sua atuação política em Brasília. Ao mostrar como uma jornalista importante torna-se membro do PCB para lutar contra o regime militar, desvenda o caminho que levou muitos a migrarem da solidariedade, marca do início dos anos 60 para a militância contra a ditadura, após 1964.